

UMA VISÃO KEYNESIANA DA ECONOMIA NACIONAL

STEFANO ALMEIDA LOPES*

A economia brasileira encontra-se hoje numa encruzilhada que já dura várias décadas. Hoje, mais do que nunca a atual equipe econômica e o Presidente da República encontram grandes desafios pela frente. A questão da inflação alta já foi resolvida, no entanto, existem várias outras coisas que necessitam serem feitas, e rápido, para que a economia nacional possa finalmente deslanchar.

O Plano Real que foi adotado pelo atual governo, passa por sérias dificuldades. A taxa de desemprego aberto, em março de 1999, atingiu 8,9% (IBGE), o déficit público continua subindo, não há uma política industrial a nível nacional e outros problemas.

Foi anunciado o novo Plano Plurianual do governo visando trazer soluções para os principais problemas do país. Segundo este plano, está previsto investimentos de mais de R\$ 1 trilhão até 2003. Com isso, já no próximo ano, o governo prevê crescimento de 4% na economia, taxa de juros em torno de 3,5%, aumento do nível de emprego e investimentos na educação e saúde.

O Plano do Governo é interessante, porém alguns aspectos têm que ser observados. Cerca de 66,00% do total do plano plurianual seria destinado à área social, segundo pronunciamento do Presidente na televisão. O porém é que, o montante que o governo espera investir virá da arrecadação tributária gerada pelo aumento nos impostos.

Um aumento nos impostos, entretanto, reduz a renda disponível dos consumidores. Uma vez com a renda disponível diminuída, os consumidores comprariam menos e se sentiriam mais "pobres". Comprando em menor quantidade, haveria, em nível agregado, estoque de capitais.

Estoque de capitais é ruim para a economia, pois significa que os empresários teriam que reduzir a produção. Redução de produção é igual a desemprego, que é o que o governo quer evitar.

Uma alta nos tributos, também é ruim para os empresários, pois teriam suas rendas diminuídas. Um aumento de impostos leva a uma diminuição do consumo em nível agregado, o que não é bom para a economia.

O cenário que o Presidente mostrou, é otimista: no próximo ano a economia cresce 4%, o desemprego será menor, taxas de juros em torno de 13,5% e por aí vai. Porém essas medidas carecem da aprovação e do apoio do Congresso. Segundo alguns especialistas da área econômica, de nada adiantaria essas medidas se não fosse realizada a tão falada reforma tributária. A racionalização e controle dos gastos do governo é essencial, assim como medidas que incentivem a expansão da indústria nacional.

Penso que se o governo quiser se confiar somente neste plano plurianual como saída para o problema brasileiro, ele será ineficaz. Outras medidas devem ser tomadas em conjunto. E defendo não um aumento nos tributos, mas pelo contrário, uma redução. O que deve aumentar é o controle sobre as despesas governamentais e o direcionamento dos recursos da união. Os impostos no Brasil já são muitos e altos, e se o aumento e quantidades de impostos fossem solução o problema do país já estaria sanado. Por isso acredito que deva-se tentar outros métodos para solucionar o problema.

O investimento é o ponto chave de qualquer economia. Onde existe investimento há produção e empregos. E

quando não há investimentos, a atividade econômica tende a ficar estagnada.

"Quando se deseja antever o curso do PIB num ano de grandes perturbações macroeconômicas como 1999, é imprescindível focalizar a análise no setor industrial." Revista Conjuntura Econômica, julho de 1999.

A afirmação acima mostra a importância do setor industrial. Ele é muito importante porque é o responsável pela maior parte do PIB nacional e dá o sinal de como será o futuro da economia, pois movimentamos altos volumes de investimentos, comparado com os demais setores da economia. Por isso, qualquer oscilação neste setor, faz oscilar também a economia.

Para haver investimento por parte dos empresários é necessário existir confiança na economia. Segundo Keynes o incentivo para investir depende, em parte, da curva de demanda por investimento e, em parte da taxa de juros.

Para realizar um novo investimento, o empresário irá calcular a eficiência marginal do capital, que é a taxa de desconto que tornaria o valor presente do fluxo das anuidades das rendas esperadas desse capital, durante toda a sua existência, exatamente igual ao seu preço de oferta. De acordo com Keynes, o empresário irá investir até o ponto em que a eficiência marginal do capital se iguale com a taxa de juros de mercado.

A taxa de juros de mercado hoje é alta. Em maio deste ano, o over-selic era de 23,5% (Conjuntura Econômica). Quanto maior a taxa de juros menor será a eficiência marginal do capital e conseqüentemente, menor serão os investimentos por parte dos empresários.

Se o problema é então a taxa de juros, porque não baixá-la? Porque as coisas não são tão simples. O governo brasileiro depende muito do capital externo, desta forma se houver uma redução na taxa de juros, o capital externo que se encontra nas bolsas de valores pode se retirar, o que é também prejudicial para a economia.

Isto leva a um outro ponto enfocado por Keynes: a incerteza. As expectativas a longo prazo dependem do estado de confiança em relação à economia. Se os empresários acreditam na política econômica e se mostram otimistas com relação ao futuro haverá investimentos.

O problema é que o Brasil até agora ainda encontra-se perdido, sem um rumo, sem uma política de crescimento séria. O que se vê são "remendos" na política econômica. Os ajustes realmente necessários para serem feitos e que poderiam oferecer um rumo melhor à economia são sempre adiados.

No momento em que existir confiança na economia, o governo poderá baixar a taxa de juros, pois os juros altos é um preço pelo risco de se colocar capital no Brasil. No momento que o risco diminui, a taxa de juros tende a baixar. O problema é realizar as medidas para trazer esta confiança, porque elas dependem dos políticos, e não entendo porque motivo, eles relutam em fazer os necessários ajustes.

Outra questão fundamental no país é o Custo Brasil. Muitos empresários reclamam que as vantagens comparativas que possuem em relação a outros países são perdidas no momento em que o produto sai da fábrica para o ponto de exportação. Isso prejudica também investimentos, pois se as condições para exportações melhorassem, ocorreria um aumento da demanda e consequentemente da produção e emprego.

Os empregadores reclamam também dos altos encargos trabalhistas, que para cada empregado na indústria, ocorre

"O investimento é o ponto chave de qualquer economia. Onde existe investimento há produção e empregos. E quando não há investimentos, a atividade econômica tende a ficar estagnada".

uma variação em torno de 70%. Isso leva a um desestímulo de contratação por parte das empresas.

O problema do Brasil é estrutural. Faltam educação, saúde, investimentos, empregos, etc. Não é da noite para o dia que se resolvem esses impasses. O Plano plurianual do governo é uma estratégia interessante, mas não acredito que por si só funcione.

O Governo deve adotar políticas de estímulo ao consumo, como baixar a taxa de juros para o consumidor final. Deve realizar o quanto antes o ajuste fiscal visando uma redução na carga tributária e um controle eficaz na utilização e direcionamento de suas contas.

As crises financeiras mundiais não afetaram o Brasil nas mesmas proporções que a Rússia, o México e outros países, o que leva a crer que o país é forte e tem condições de progredir.

A incerteza na economia é grande, mas o mercado consumidor potencial do país é enorme e acredito que com medidas visando a volta da confiança no país os investimentos, tanto interno quanto externo, deverão contribuir para o crescimento do país ●

* *Stefano Almeida Lopes* é aluno do Curso de Ciências Econômicas / UFPI

CONHECIMENTO

TIAGO CARDOSO ROSA*

Qualquer que seja o tipo de empresa, ela possui um conhecimento organizacional, "que é a capacidade de executar coletivamente tarefas que as pessoas não conseguem fazer atuando de forma isolada, tarefas essas projetadas para criar valor para as partes interessadas na organização". Como exemplo, pode-se afirmar:

a) fabricamos carros com segurança, qualidade e um preço competitivo;

b) a empresa tem um bom método de seleção e alocação de pessoas certas para os cargos chaves respeitando suas competências essenciais, etc.

A identificação do conhecimento organizacional é que ele deve ser explícito e tácito. Com exemplo do explícito, tem-se os desenhos técnicos, manuais de procedimentos e memórias de computadores - informações. Já o conhecimento tácito está ligado mais a aspectos 'soft' da pessoa: discerner, instinto e compreensão numa dimensão mais profunda. A base da utilidade mais eficiente do conhecimento explícito é o tácito, portanto eles se comportam como complementares, resultando em um trabalho de mais qualidade na execução das tarefas.

O ambiente externo da empresa está sempre em processo de mudança o que levará as empresas a mudarem o seu ambiente organizacional, desenvolvendo novas formas de aprender a executar novas tarefas com mais rapidez e eficiência. Para tanto, a empresa deve, constantemente, construir um novo conhecimento e compartilhá-lo com todos os membros da organização.

Observa-se que o aprendizado é algo comum nas empresas. "Entretanto, raramente é planejado e administrado para que ocorra de maneira rápida, sistemática e alinhada aos objetivos estratégicos da empresa" como